ANO 6.º — Sexta-feira, 6 de Fevereiro de 1914 — NUMERO 308

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$50
Avulso $02

REDACÇAO E ADMINISTRAÇAO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

—(•)—

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

Juizo

Dizia Vito, notavel publicista italiano, que a historia tem a configuração duma serpente mordendo na cauda. De facto, esta maxima verifica-se, se não na totalidade dos acontecimentos que agitam o espirito humano, pelo menos na maioria dêles. Em materia politica então, não é necessario correr toda a cronica das civilisações para se notar o acêrto; basta passar os olhos por algumas paginas da historia francêsa, de ha um seculo para cá. E é singular que, tendo nós o inveterado habito de adoptar tudo o que na França tem evidencia, desde a moda ao prazer, desde os costumes ás leis, deixassemos de observar as mil complicações que a politica tem originado, pelas intransigencias e pelos despeitos.

A primeira Constituição francêsa, de 1791, obra do partido que fizéra a Revolução, fundava-se no principio de que a soberania pertencia ao país. Néla se estabelecia a separação de podêres e se adoptava o regimen duma unica assembleia legislativa, visto considerar-se estranho que um poder tivésse duas cabeças! Um estadista americano, Franklin, afirmava que não podiam duas casas do parlamento funcionar em perfeita harmonia, contando a historia da serpente que, tendo duas cabeças e achando-se com séde num sitio em que havia agua dos dois lados, se deixou morrer porque cada uma das cabeças teimava em não beber do mesmo lado!

Mas pouco depois a experiencia mostrava que o sistema dum só parlamento não dava resultado. A assembleia legislativa arrogou a si todos os poderes, os politicos zangaram-se, o povo revoltou-se e em 1793 nova Constituição foi organisada, substituindo-se o parlamento por um corpo legislativo. Não chegou porém a funcionar: surgiram logo divergencias e de novo se redigiu outra Constituição, pondo-se então de parte o sistema duma só assembleia.

Estabelecida a Republica, desnecessario é relembrar que, tendo a Convenção proclamado os *direitos do homem* e não sómente os direitos dos francêses, a breve trecho toda a Europa se sentiu admirada pela obra grandiosa dos fautores da Revolução, chegando mesmo até nós o influxo da corrente. Mas se as doutrinas eram admiraveis, os homens não souberam seguil-as. As profundas divergencias, sempre entre os politicos, levaram á proclamação do imperio!

O germen da liberdade não fôra, porém, destruido; e anos volvidos, em 1830 nova revolução estalou ainda baseada nas lutas politicas. Esta revolução teve apenas por fim substituir Carlos X por Luís Filipe; mas o partido republicano alcançou ingerencia no poder.

Em 1848 era outra vez proclamada a Republica e, consequentemente, redigida outra Constituição. Eleito presidente Luís Napoleão Bonaparte, êle soube aproveitar as violencias dos parlamentares, as ambições e vaidades para, antes de terminados os 4 anos da presidencia, se fazer aclamar imperador, com o nome de Napoleão III.

Viéram então as represalias. Depois, o absolutismo. De 1857 a 1863 houve nas Camaras apenas 5 deputados da oposição! Cresceram os abusos; mas o exército estava com o imperador e não havia resistencia possivel. Surgiu nésa altura a guerra com a Prussia, em 1870; a maior parte do exército ficou em Metz; o resto, com o proprio Napoleão, sofreu o espantoso desastre de Sedan, em 2 de setembro. Volvidos dois dias, o partido republicano de Paris invadia a Camara, criava o govêrno da Defêsa Nacional e proclamava a República, que foi reconhecida por todo o país sem resistencia. Cinco anos depois, em 1875, ao cabo de muitos dissabores, muitas lutas, muitos conflitos pessoais e parlamentares redigiu-se a Constituição definitiva.

São passados 40 anos. Os francêses tomaram juizo.

Quando chegará a nossa vez? Quando se dignarão os politicos nossos, avivando a história, olhar com um pouco mais de atenção para este malfadado país?

Dr. Bernardino Machado

—=(•)=—

Chegou na quarta-feira a Lisboa o ministro dos estrangeiros do govêrno provisorio e nosso atual embaixador nos E. U. do Brazil, sr. dr. Bernardino Machado.

S. Ex.ª que era aguardado com a mais viva anciedade por virtude da crise politica, desembarcou na manhã desse mesmo dia sendo-lhe feita uma entusiastica recepção por parte de muitas coletividades republicanas que, em vapores, o foram esperar á entrada da barra.

Ao encontro do sr. dr. Bernardino Machado seguiram tambem vários membros do govêrno, com o sr. dr. Afonso Costa, sendo extraordináriamente grandiosa a manifestação que lhe foi feita no Terreiro do Paço quando poz o pé em terra.

O sr. dr. Bernardino Machado conservou-se perto de dois anos na capital do Brazil representando Portugal, primeiro como ministro e depois como embaixador, merecendo os mais rasgados elogios a obra de paz ali efectuada com proveito para os dois povos irmãos, que o velho democrata e eminente professor conseguiu unir fortemente pela amizade que entre eles já existia.

O *Democrata* reitéra os seus cumprimentos ao prestante cidadão e ilustre diplomata.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

A BELEM!

—=(•)=—

O sr. Machado Santos, que, como politico, é o homem mais desastrado que tem aparecido no atual regimen, que ajudou a implantar, vendo que o sr. Presidente da Republica não o tinha chamado désta vez ainda para com êle trocar impressões sobre a crise, lembrou-se de promover uma manifestação ao chefe de Estado para, deante de sua ex.ª, pugnar por uma ampla amnistia aos presos politicos, o que anteontem levou a efeito com o concurso dumas cinco mil pessoas, aproximadamente, entre curiosos, indiferentes e manifestantes.

O mais engraçado, porém, de tudo, é a atitude de heroe que Machado Santos costuma tomar em cértas ocasiões. Assim, com a assinatura do director do *Intransigente*, esse jornal dizia:

«Portuguêses: cumpri o vosso dever, que se a vontade nacional não fôr escutada, o comandante da Rotunda saberá tambem cumprir o seu.»

Escusava de ir tão longe. Bem sabemos que outra coisa se não póde esperar do sr. Machado Santos, mórmente depois que aceitou a pensão dos tres contos e pico...

31 DE JANEIRO

Foi tambem aqui festejado o 23.º aniversário do movimento insurrecional do Porto, embandeirando e iluminando o Centro Escolar Republicano, a Câmara Municipal, o edificio do liceu e outros estabelecimentos publicos sendo queimados muitos foguetes durante o dia.

O Centro Evolucionista distribuiu um bôdo a numerosos pobres, tocando á noute na Praça da Republica, perante avultada concorrencia, a banda de infanteria 24.

Onde, porém, os festejos atingiram maior brilho foi no Porto, onde, além dum imponente cortejo civico em honra dos martires da Republica, teve logar uma conferencia pelo notavel tribuno, dr. Alexandre Braga, que ali foi levar na sua palavra de ardente patriota a historia do atual momento politico de envolta com as suas saudações ao povo heroico da invicta cidade.

Ontem e hoje

. . . .

«Os representantes do historico partido progressista do distrito de Aveiro resolvem prestar a sua leal e desinteressada adesão ás novas instituições republicanas e tornar pública a sua resolução.

Nada ha mais simples e mais direito. A monarquia caiu. **Em Portugal não póde haver mais o sistêma monarquico.** O presidente do govêrno provisorio apelava para o patriotismo dos cidadãos e declarou que a Republica era feita para todos. Não se pede ao poder nenhum favor, nenhuma contemplação, nenhuma condescendencia mesmo. Aceitou-se a declaração do chefe do novo govêrno e tomou-se logar nos arraiaes da Republica, para a servir e fortalecer, e não para receber gasalhado e auxilio.»

. . . .

(Da *Soberania do Povo*, de sabado, 12 de outubro de 1910)

«Estâmos na vespera do sexto aniversário do assassinato de El-Rei o Senhor D. Carlos I e do seu Filho o Principe Real Senhor D. Luiz Filipe, que caíram no Terreiro do Paço varados pelas balas mortiferas dos algozes que o odio politico convidou para uma execução tão monstruosa.

O desaparecimento do Rei D. Carlos foi o golpe mortal na Monarquia, e o inicio da decadencia de Portugal no conceito das nações estrangeiras. Esta decadencia foi-se mais tarde acentuando após a proclamação da Republica. A morte de El-Rei D. Carlos e a consequente proclamação da Republica constituiram, portanto, dois crimes verdadeiramente nacionaes, que a historia e a consciencia pública nunca absolverão.»

. . . .

(Da *Soberania do Povo*, de sabado, 31 de janeiro de 1914)

Todos os comentários são inuteis deante do antagonismo de taes afirmativas.

Mas, afinal, o que será o sr. Conde de Agueda, monarquico ou republicano?

Deve ser isso...

—=(•)=—

Um colaborador da *Nação*, que raras vezes lemos por raras vezes nos chegar ás mãos, saiu-se um dia destes a dizer, após algumas considerações sobre o movimento de 31 de Janeiro de 1891, o regicidio de 1 de Fevereiro de 1908 e o conflito do mez findo entre as duas parcialidades politicas —govêrno e oposições—de que resultou o recontro sangrento do Rocio, que a causa primaria, a causa edificante, a base organisadora de tudo isto se encontra na revolução francêsa de 93 pela falsidade que representa a triologia *Liberdade, Egualdade e Fraternidade!*

Os motivos? São faceis de encontrar e explica-os assim o famoso Mario que á *Nação* costuma todos os dias dizer da sua justiça *á janela*, ao postigo e até á porta... do cavalo:

. . . .

Porque o regimen republicano tem sempre, como fim unico, o afastamento dos seus adeptos de sob o labara bemdito do Calvario. E todo o regimen que se afasta da Cruz, póde começar contando os seus dias, que a existencia não lhe será longa, ainda mesmo que esse regimen tenha a sustental-o uma tradição gloriosa de muitos seculos.

Precisamos, pois,—todos nós que, apaixonados pela terra linda de Portugal, a queremos vêr progredir e prosperar, moralmente e politicamente,—entronisar de novo no coração de todos os portuguêses o verdadeiro sentimento religioso, sem exageros, sem exaltações, mas sem transigencias indignas e rebaixantes.

Só na religião do Golgota nós poderemos encontrar a trilogia que os republicanos pretendem vêr no condenado e obsolecto principio politico que defendem, e que não dando nada nos povos antigos que o experimentaram, nada póde dar, nem dará, nos povos modernos que o experimentam de novo.

Foi por o povo português não querer vêr isto, que fracassou o *31 de Janeiro*, que o *1 de Fevereiro* representa uma vergonha com requintes de perversidade, e que o *26 de Janeiro* nada mais hade representar do que um aviso aos falsos apostolos para não reincidirem nas pregações balofas de *superavits* ideiotas á falta de factos apreciaveis.

E' por isso que *o que vier* a substituir *o que para aí agonisa* em extrebuxamentos de epilepsia, *para viver*, precisa assentar as suas bases no principio augusto da religião de Jesus, restabelecendo a verdadeira *Liberdade dentro da Ordem* reimplantando a necessária *Egualdade dentro da Lei*, e distribuindo a todos irmãmente aquela *Fraternidade* que, partindo dos braços frondosos do madeiro de Moriat, a todos envolva, no ambiente imprescindivel duma felicidade não imaginaria, mas verdadeira, não restricta a *cotteries*, mas absolutamente integrada na nação.

E só assim Portugal se salvará. E só assim Portugal voltará a ser grande, temido e respeitado.

Assim se exprime Mario. Mas o que ele não foi nem é capaz de escrever é que tudo aquilo em que fala existia entre os monarquicos portuguêses. Comtudo a monarquia caiu. Porque seria então? Se Mario fosse um escritor sincéro e desapaixonado, que respeitasse a verdade e tivésse consciencia dos seus deveres de jornalista, decérto não nos daria a triste impressão dum obsecado que, á força, quer incutir no espirito publico o amor por uma religião desacreditada pelos proprios padres que dela se serviam como arma politica.

A monarquia enterrou-se levando consigo se não todas pelo menos uma grande parte das crenças religiosas, amarfanhadas pela constante exploração dos que a defendiam e inspiravam. Impossivel, pois, se torna fazer reviver essas duas coisas, como a *Nação*, pela penna do seu Mario, quer, num arranco de patriotismo que seria muito para louvar se a incendial-o não tivésse o rancôr, a aversão, o odio votado ao regimen que em 5 de Outubro substituiu para sempre—crêmol-o bem—o trôno carcumido dos Braganças.

Estavamos bem arranjados se a salvação de Portugal dependesse do modo como o colaborador da *Nação* dá a entender que se deve realisar.

Vêr na secção — ULTIMa HORA — as noticias sobre o estado da crise politica.

Continuando

Meu amigo

Causará talvez espanto dizer que tambem assisti a parte da festa da Apresentação, na velha e acanhada egreja de S. Gonçalo!

Não ha, parém, razões para tal admiração.

Direi porquê.

A numerosa assistencia que concorreu á festividade referida, poderá dividir-se, no seu todo, em tres especies—os curiosos, os namorados e os vaidosos—figurando em cada uma dessas especies elementos de ambos os sexos.

Justifico com a maior facilidade a minha afirmativa.

Quando ha dois anos a esta parte, os reaccionários e ferrenhos religiosos, inimigos das instituições atuaes, quasi que extinguiram por complèto a realisação do culto interno, alegando que tal consequencia era um resultado logico do jacobinismo triunfante que impedia os actos religiosos, esperavam eles obter com tal afirmativa uma excitação popular cuja gravidade ninguem podia prevêr se se não realisasse a festa anual da Senhora da Apresentação e muitas mais que eram de uso naquela e noutras partes.

Resulta daí que nos ultimos dois anos, por esse dia—que uma simples missa comemorava — a egreja esteve deserta. Toda a fé, todo aquele fogo religiosamente sagrado que aquecia a multidão que se acotevelava e comprimia furiosamente na passada segunda-feira dentro do templo, sem a possibilidade dum movimento—tal era a violencia da compressão, tinha desaparecido nos anos anteriores quando na egreja não havia flores, armações vistosas e sintilantes, musica, córos, execução de agradaveis sinfonias, *solos* bem sonantes, *Avé-Marias* cantadas harmoniosamente, com doces modelações de voz que prendem e subjugam o espirito, etc.

Assim, nestas condições, exteriorisa-se então uma falsa crença para justificar a exibição do vestido e da fatiota novas; procurar o ensejo de vêr e trocar sorrisos entre aqueles que se namoram ou que se pretendem namorar; analisar mutuamente e discutir as *toilettes* de cada *devota;* fazer a critica da execução da parte musical e bem poucos, como eu, analisar fria, imparcialmente, todo o desenrolar da cêna que, aparentando um sentimento justificativo da presença da multidão ali, evidencía todos eles menos o verdadeiro!

Nada do que eu vi era animado pela verdadeira unção religiosa, que a purêsa duma crença enleva, enaltece e exalta o nosso espirito até Deus.

Num borborinho constante, soltam-se imprecações e injurias até, entre os que estão e os que chegam na procura dum melhor logar, não para rezar, mas para bem desfrutar a assistencia e conseguir descortinar a pessoa procurada; para se aproximar do amigo ou da conhecida, da visinha ou da namorada com quem pretende trocar impressões de natural maledicencia sobre determinadas creaturas presentes, que por seu turno pagam na mesma moeda.

Do logar onde se encontram não ha a menor noção; e o templo transforma-se numa verdadeira casa de divertimento do qual desaparece a primeira razão que todos teriam de respeitar:—a compostura individual de cada um.

De subito entre luzes e fumo entram os padres que se repoldreiam em cadeiras amplas, postas ao lado do altar e a orquestra rompe na execução segura da sin-

fonia, derramando acordes harmoniosos e subtis pelo ambiente da egreja.

Ha em todos os rostos sinaes de prazer e procura-se a melhor fórma de assistir á execução dum dos numeros que mais prende a curiosidade da assistencia.

Gemem os violinos na doçura da sua melodia que os acordes de outros instrumentos mais suavisam e quando os executantes, em passagens dificeis e rapidas, atacam com mestria as notas musicaes, cá em baixo a multidão troca sinaes indicativos de quanto compreende e admira o triunfo de tanta dificuldade.

A maior parte da assistencia está de costas para os altares; todo o seu fito é o côro. Acaba a sinfonia, cochicha-se e espera-se por quem cantará a *Avé-Maria*. Dividem-se as opiniões. Ergue-se, porém, uma voz que, conhecida, dá razão aos que tinham predito que era aquela que cantaria.

Surge depois o prégador. Persigna-se e a multidão imita-o. Nota-se um novo borborinho e muitas pessoas sáem. Tosse-se, algam-se outros e eu apuro o timpano esforçando-me para ouvir o orador, unica especie que não póde ser contradita, desmascarada, como tantas vezes tem sido mister.

As suas primeiras palavras são um trecho latino, seguido do prologo do discurso pronunciado num tom monotono, lacrimoso, sem expressão, sempre na mesma tonalidade de voz, arrastada, dengosa, que sôa desagradavelmente ao ouvido. Termina pela estafada invocação do auxilio divino para ter palavras bastantes afim de traduzir os seus sentimentos...

O têma da oração é a mulher, sua influencia e poder, para o bem e para o mal, na sociedade cristã, citando exemplos historicos, alguns errados e incompletos.

Assim, atribue exclusivamente á fé religiosa duma mulher a salvação de Portugal em 1640, e chama Catarina de Ataide, á esposa do pussilamine e covarde rei D. João IV, aquela a quem a historia atribue a frase de *mais valer ser rainha uma hora do que duqueza toda a vida!*

Que fé traduzem estas palavras?

O que elas claramente significam e denunciam é a vasta ambição da castelhana, que, apesar de não ser portuguêsa, queria subir ao trôno luzitano, trocando o manto de duqueza pelo setro de rainha! Assim pensava D. Luiza de Gusmão, tal era o nome da esposa de D. João IV e não Catarina de Ataide, como invocou o orador. Mas mulheres de fé patriotica, ardente, vibrante e autentica que por sua parte, não com palavras, mas com actos do mais acrisolado amor patrio, salvaram Portugal, não as citou o sr. padre Meireles no seu discurso, intercalado de erros e amalgamado a seu *talante*.

Esqueceu-lhe falar em Filipa de Vilhena e em Mariana de Lencastre, ambas armando os seus filhos a quem incitam ao dever elevadamente patriotico de morrerem pela libertação da Patria! Se alguma cousa de divino ha neste mundo, toda ela se encerra no gesto destas duas mães armando voluntariamente seus filhos para a vitoria ou para a morte. Que contraste profundo entre este sublime procedimento e a simples frase de gananciosa vaidade proferida por Luiza de Gusmão quando afirma que prefere *ser rainha uma hora do que duqueza toda a vida!*

Pobrissimo argumento para a pretensão dum grande discurso!

Incompleto foi tambem o orador referindo-se a Joana d'Arc. Porque se limitou o orador apenas a apresenta-la no decurso da sua primeira fáse da vida? Deveria ter dito o resto e esse resto é aquilo que tantas e tantas vezes aquí temos acometido, flajelado, confundido—é o poder de Roma, que, todavia, nos nossos dias, ele proprio pretendeu reparar, beatificando Joana d'Arc num cumulo de incoerencia ou dum pretendido fim, a 18 de abril de 1909.

Sim; Joana d'Arc libertou a França do jugo de Inglaterra, sacudindo do solo patrio os taciturnos inimigos.

Mas depois, ilustre orador? Não disse s. ex.ª o resto; não quiz acrescentar que Joana d'Arc forçando, á frente dos seus soldados, os inglêses a levantarem o cêrco de Orleans, batendo-os em Patay, sagrando Carlos VII em Reims e tentando libertar no ano seguinte Paris, aí sofreu um revez ficando ferida. Traída quando defendia Compiégne, caíu nas mãos dos Borgonhêses, sendo submetida ao julgamento dum tribunal eclesiastico que a condenou, apezar da mais brilhante defêsa, como herética e feiticeira, a ser queimada viva, martirio que sofreu em Ruão a 30 de maio de 1431.

A seu respeito um celebre historiador diz:

Personificação da ideia mais elevada de patriotismo, Joana de Arc, não é apenas uma gloria francêsa, é uma das mais belas figuras da historia da humanidade!

Não quiz dizer o prégador que, apesar do sentimento da fé e o ardor da crença religiosa de Joana d'Arc que a levou, como foi afirmado por s. rev.ª, a salvar a França, os peritos dessa mesma fé e dessa mesma crença, julgando-a, a mandaram queimar em nome do seu Deus que mais tarde permite, tambem, em seu nome, que a façam *santa*, como mais um testemunho da infalibilidade de Roma e do Pápa!!!

Desse Pápa na bôca de quem o maior genio do seculo passado pôs as seguintes palavras: *Não calçarei mais as minhas sandalias de oiro, nas quaes a cruz se espanta, ás vezes, dos beijos sangrentos dos reis!*

E no seu altar, a imagem da Virgem, entre o bruxulear de luzes mortiças e baças, na imobilidade absoluta do inanimado, Ela, para quem é toda aquela festa, toda aquela musica, todos aqueles canticos, vê-se bem que de facto nada lhe cabe porque ninguem a fita, ninguem a evoca!

E assim a festa termina entre a desafinada vozearia da ladainha, os acordes vivos dum *alegro* e o *brouá-brouá* dos assistentes que trocam, como no final dum concerto, as impressões recebidas.

E' a isto que eles chamam religião, crença, fé, Deus!

Que ironia tão amarga, que erro tão profundo!

S. J. M.

Uma nota sobre a obra do govêrno Afonso Costa

Quando depois de uma trabalhosa crise ministerial, o grande português dr. Afonso Costa aceitou a incumbencia de constituir ministério, apresentou ao parlamento, *quatro dias depois*, em obediencia á lei, o orçamento geral do Estado. E nesse pequenissimo lapso de tempo, tendo o govêrno recebido do seu antecessor documentos e trabalhos, que permitiam prevêr para 1913-1914 um *déficit* de 8.464:139$, **rectificou lançamentos na importancia de 1.173:759$, computou aumentos de receita no valor de 1.120:650$, e, sem desorganisar serviços nem diminuir vencimentes, reduziu despesas no quantitativo de 2.733:846$, o que fez baixar o** *deficit* **a 3.435:884$, operando assim uma melhoria geral de 5.028;254$.**

Em 30 de Junho de 1913, isto é, a menos de seis mezes de gerencia, o dr. Afonso Costa anunciou no parlamento (o que lhe valeu uma pateada dos evolucionistas) que havia feito desaparecer o *deficit* primitivamente previsto de **8.464:139$** e em seu logar apresentava um *superavit* **de 967 contos!**

Dois mezes depois, o dr. Afonso Costa anunciava tambem *um superavit* **de 111:125$10** nos resultados geraes da gerencia de 1912-1913 que os seus antecessores haviam previsto dariam um *deficit* de *6.620:00$*; e no fim do ano passado esse **superavit** elevou-se ainda a **167 contos!**

O orçamento para 1914-1915 apresentado já este mez ao parlamento, pelo ilustre ministro das finanças, apresenta tambem um **superavit de 3:393 contos!**

Assim cumpriu firmemente o dr. Afonso Costa os compromissos tomados solene e publicamente na oposição.

Em nove mezes de govêrno, **conseguiu o dr. Afonso Costa diminuir a divida pública, em 5:681 contos,** não tomando em conta o agio do ouro ou **6:710 contos,** incluindo-o apenas á taxa média de 12 por cento.

Durante a sua gerencia não pediu o dr. Afonso Costa um unico suprimento ao Banco de Portugal, antes pagou a esse Banco 2:500 contos que a gerencia de 1912 lhe havia pedido, caucionando tal emprestimo com 4:500 contos de valores que ficam libertados.

Em resultado da honrada administração do govêrno Afonso Costa, os papeis do Estado valorisaram-se e consequentemente a fortuna particular. Falam os numeros com esta expressiva eloquencia:

COTAÇÕES OFICIAES

	1913 11 Janeiro	1914 27 Janeiro		
Inscrições	37 °/o	39,25 °/o	**Beneficio**	**2$25**
Obrig. 3 °/o 1905. . . .	8$85	9$05	»	**$20**
» 4 °/o 1888. . . .	20$15	21$	»	**$85**
» 4 °/o 1890. . . .	47$50	50$50	»	**3$**
» 4 1/2 °/o 1888. .	53$20	56$50	»	**3$30**
» 4 1/2 °/o 1905. .	80$	80$50	»	**$50**
» 5 °/o 1909. . . .	78$50	80$	»	**1$50**
» 3 °/o Ext. 1.ª Série	65$20	66$60	»	**1$40**
» 3 °/o » 2.ª »	63$40	66$	»	**2$60**
» 3 °/o » 3.ª »	67$40	68$50	»	**1$10**

Finalmente, em todos os ministérios se fez sentir a inteligencia dos titulares das respectivas pastas, bem afirmada na fórma zelosa e patriotica como as geriram.

Porque motivo cae, pois, o ministério Afonso Costa? Como se explica que abandone o poder quem, como ninguem, tem a confiança e a gratidão da nação, a maioria no Congresso e a seu favor opiniões insuspeitas e respeitabilissimas como as do integro cidadão Bazilio Teles?

A Historia um dia se encarregará de responder friamente, mas com precisão, ás perguntas que neste momento tão singular da politica portuguêsa, nós formulâmos.

O Gremio Republicano do Norte

MUDANDO DE OPINIÃO

O sr. Brito Camacho, positivamente, está, a respeito de coerencia, ali como os atuaes *correligionarios* do sr. dr. Afonso Costa, cujo orgão é o repositorio mais completo da insensatez que até hoje se tem visto.

Ora o sr. Camacho segue-lhe as pisadas. E segue-lhe as pisadas porque não querendo agora que o novo govêrno saia da maioria do Congresso, isto é, do Partido Republicano Português, está em contradição com o que disse a 21 de Janeiro na câmara dos deputados falando da proposta de adiamento. Sustentava nessa ocasião o sr. Brito Camacho a doutrina de que *era o chefe de Estado a unica entidade competente para resolver o conflito entre o govêrno e o Senado*, como se póde vêr no *Sumario das Sessões*, que assim relata:

A êle, orador, parecia-lhe que dentro dos bons principios, dentro da Constituição, a unica solução possivel é a crise ministerial. Mas desde que o sr. presidente do ministério declarou que o govêrno não sairia por partes, e que quando um ministro saisse sairiam todos, o unico caminho indicado, o que traria a pacificação das paixões, é simplesmente a demissão colectiva do ministério, **pouco importando que o chefe do Estado, usando libérrimamente das suas atribuições constitucionais, no seu alto patriotismo e na sua fé de velho republicano, o substituisse por um gabinete da mesma facção politica.** *A minoria não tem pressa nenhuma de govêrnar, e pelo que a êle, orador, respeita, declara que não tem nenhum desejo de governar, pois se alguma vez mais governar, será exclusivamente no cumprimento do seu dever, a que não sabe faltar. Tão conflituosa este govêrno tornou a vida politica em Portugal, que* **só loucos ou dementados pódem ambicionar o poder.**

Claro está que não seremos nós que vá desmentir as ultimas palavras do chefe da *União*, quanto a afirmar que só loucos ou dementados pódem ambicionar o poder. O sr. Camacho que o diz é porque lá se entende... De resto tudo muito logico atentas as relações do sr. Brito Camacho com os democraticos.

São elas que lhe fizéram virar o bico ao prégo...

Beja da Silva

Acaba de tomar posse do cargo para que ultimamente fôra nomeado, de director do hospital de Expostos e Recolhimento de Orfãs da Mizericordia de Lisboa, o nosso querido amigo sr. Antonio Maria Beja da Silva, que, com a maior proficiencia, desempenhou, nésta cidade, as funções de administrador e comissario de policia e ainda ha pouco a de secretário do Ex.mo Ministro do Interior.

Atentas as qualidades que concorrem na pessoa de Beja da Silva, que além de inteligente é dotado duma actividade invulgar, como ficou exuberantemente demonstrado na sua passagem pelos vários cargos em que fôra investido, após a proclamação da Republica, de supôr é que, como director do hospital, não desmereça do conceito que dêle formam os seus numerosos amigos e admiradores.

O *Democrata* felicita Beja da Silva muito afectuosamente.

Artigos da NAÇÃO

A talassaría de Aveiro e até cértos republicanos teem-se mostrado radiantes com uns artigos publicados no jornal legitimista *A Nação* pelo *historico republicano* Cunha e Costa, mórmente aquêles que envolvem ataques á honra e probidade do sr. dr. Afonso Costa, por onde concluimos que todos, sem excepção, fazem parte da *gente de bem* para quem a palavra do conspicuo advogado *vale ouro*, como ouro valía a de Homem Cristo apezar da complicadissima cronica da sua vida lhe não permitir, sequer, a mais leve alusão á vida dos outros.

Ha gente para tudo. Inclusivamente para fingir desconhecer o que teem em vista cértas creaturas quando despeitadas ou feridas naquilo a que chamam seus *legitimos interesses*...

FRANCISCO DE MOURA

Passou ante-ontem o quarto aniversário do falecimento de Francisco Antonio de Moura, republicano da velhaguarda coração generoso e bom, aberto sempre a todas as manifestações altruistas, dêle muitas vezes provindo iniciativas que bem traduziam a bondade da sua alma e a elevação do seu espirito.

Patriota em extremo, de ha muito convencido da inutilidade de todos os esforços dentro do velho regimen para a restauração do bom nome désta Patria, que êle tanto amou, Francisco de Moura devotou-se em extremo ao ideal republicano por o que ha tanto e tanto trabalhava, roubando-lhe a Morte a suprema ventura de vêr realisado o seu maior sonho, mezes antes da implantação da Republica.

Assim, com intimo pesar, interpretando o sentimento de todos quantos, como nós, de perto conheciam as honradas qualidades e os distintos merecimentos intelectuais e profissionaes de Francisco de Moura, não deixâmos passar esta triste data sem que para éla tenhâmos o preito da nossa saudosa homenagem á memoria querida dêsse justo e dêsse bom que a crueza da Morte arrebatou do nosso convivio e do nosso lado, onde tantas vezes nos animou e ajudou nas horas da mais empenhada luta.

* * *

Para comemorar o triste aniversário enviou-nos, na fórma do costume, o sr. José Ferreira Pinto Junior, acreditado droguista do Porto, a quantia de 5 escudos com destino aos pobres do *Democrata*. Em nome dos contemplados, cuja relação publicaremos no numero proximo, receba o sr. Pinto Junior os agradecimentos a que tem direito pelo seu novo acto de filantropia.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS

Tivéram logar no domingo, como anunciado fôra, os festejos do aniversário da fundação da Companhia de Bombeiros Voluntários de Aveiro, que decorreram no meio do maior entusiasmo.

A' sessão solene, que teve logar na sala da Câmara Municipal, presidiu o sr. Manuel Gonçalves Moreira, inspector dos incendios, o qual era secretariado pelos srs. Francisco da Encarnação e Fortunato Mateus de Lima, respectivamente comandantes dos Voluntários e Companhia de Salvação Guilherme Gomes Fernandes. Assistiu grande numero de praças das duas corporações assim como bastantes pessoas de várias classes sociaes para isso convidadas.

Fez uso da palavra o sr. dr. Joaquim de Melo Freitas, produzindo uma magnifica oração na qual acordou a historia da fundação da companhia e vários episodios decorridos, lembrando nomes de dedicados companheiros e valentes lutadores que a morte tinha já arrebatado. No final do magnifico improviso recebeu s. ex.ª uma prolongada salva de palmas, dirigindo-se depois a assistencia para a séde da associação onde foram inaugurados os retratos dos benemeritos da companhia, srs. João dos Santos Silva—o *capitão Vareiro*—já falecido e Manuel Gonçalves Moreira, a quem a corporação muito deve.

Ao serem descobertos os retratos, que estão circundados por magnificas molduras, estrugiram palmas e a musica executou o hino dos Voluntários. Nesse momento de novo o sr. dr. Joaquim de Melo proferiu uma brilhante alocução, engrandecendo os serviços que a companhia tem recebido dos dois benemeritos para quem teve merecidas palavras de justiça. Novas palmas coroam as ultimas palavras do ilustre orador, sendo tanto este como o sr. Manuel Moreira muito cumprimentados.

A' noite a companhia, com a sua banda á frente, foi cumprimentar diversos associados e os seus camaradas do corpo de salvação Guilherme Gomes Fernandes, a cuja direcção ofereceu um copo de agua trocando-se afectuosos brindes.

Na segunda-feira teve logar o sarau no Teatro Aveirense em que falou com muito brilho o nosso particular amigo, dr. André dos Reis, e que devido á falta de espaço não podemos pormenorisar como desejávamos. Diremos comtudo que a parte musical e ginastica agradaram sobre maneira não desmanchando a parte dramatica o conjunto do espectaculo.

A demissão do govêrno

Dentre o grande numero de telegramas que para Lisboa foram enviados de todo o país ao sr. dr. Afonso Costa no momento em que depoz nas mãos do chefe do Estado a demissão do gabinête por ele constituido ha um ano, contam-se os seguintes desta cidade:

Aveiro, 29.—A comissão executiva da junta geral do distrito de Aveiro sauda em v. ex.ª o govêrno da sua presidencia, e protesta contra a sua demissão inconstitucional e nociva aos interesses da Patria e da Republica.

O presidente,

Marques da Costa

Aveiro, 28.—Em nome da comissão executiva da câmara municipal de Aveiro, reitero a v. ex.ª os protestos da nossa inquebrantavel solidariedade politica e afirmo a nossa muita admiração pela obra do govêrno a que v. ex.ª presidiu com inegualavel patriotismo e comprovada honradez.

O presidente,

Bernardo Torres

Aveiro, 28.—A comissão municipal politica de Aveiro felicita v. ex.ª pela colossal obra de resurgimento das finanças e reitera a mais absoluta confiança no govêrno de v. ex.ª.

O secretário,

Felizardo Simão

Aveiro, 28.—Admiram a colossal obra do govêrno presidido por v. ex.ª, a quem afirmam a sua intransigente solidariedade pela nobre atitude que tomou no actual momento politico, as comisões paroquiaes politicas das freguezias da cidade de Aveiro.

Aveiro, 29.—A junta de paroquia de Esgueira, felicita v. ex.ª pela obra patriotica do govêrno, sendo com éla solidaria.

O presidente,

João da Silva Castro

Aveiro, 28.—A comissão paroquial politica de Esgueira, solidaria com a obra do govêrno, sauda em v. ex.ª a Patria e a Republica.

O presidente,

Elisio Feio

Aveiro, 2—O Centro Republicano de Esgueira, solidário com a obra grandemente patriotica do ministerio presidido por v. ex.ª, protésta contra a atitude das oposições, prejudicial á Patria e á Republica.

O presidente,

Filinto Elisio Feio

Atravez do Brazil

Ameaça de uma grande crise de trabalho---Cêrca de 55 mil pessoas arrastadas á miseria---As fabricas de tecidos reduzem o trabalho e talvez fechem---O que diz a imprensa brazileira---Evitar o exodo da familia portuguêsa é mais que um dever---O Brazil de hoje nada póde oferecer ao emigrante---Á crise economica-financeira, alia-se a crise moral e politica---No entanto a emigração continúa...

Nunca é de mais insistir na propaganda contra a emigração portuguêsa para o Brazil. Sobretudo nêste momento em que a crise, aqui, é de molde a prever-se consequencias lamentaveis.

Não importa que a imprensa brazileira se revolte contra nós e se atire ao govêrno português como sempre tem feito:—com insultos soêzes e com ameaças desparatadas. Isso é coisa de somenos importancia. Mais alto que os seus protéstos falam os factos, isto é, a miséria em que vivem milhares de desgraçados, de todas as nacionalidades, que por estas terras andam aos trambulhões—ora mendigando de porta em porta uma esmola para mitigarem a fome, ora procurando, no cano duma pistóla, o *terminus* para a sua situação precária e angustiosa.

Não se iludam, pois, os que vêm no Brazil uma terra onde se nada em ouro e onde a fome não existe. São ilusões, são sonhos dourados que acabam a mór das vezes, em tristissimas tragédias.

E não supônham, senhores, que a crise porque está atualmente passando o Brazil se relaciona, apenas, com a falta de trabalho. Não. A crise é, por assim dizer, geral. A' falta de trabalho alia-se a crise comercial, a crise economica, a crise financeira e até a crise politica e moral. Prova-o as **181 falencias** de casas de diversos ramos de negocio, durante o ano findo, algumas das quaes importantissimas, e perto de 600 concordatas preventivas que quasi equivalem a meias falencias!

E', pois, uma crise que atinge todas as classes, sendo, é claro, a mais prejudicada a classe trabalhadôra.

No entanto a emigração continúa...

Ora isto entristece-nos sobremaneira. Entristece-nos, porque, aumentando a emigração, aumenta tambem o numero dos desiludidos e dos desgraçados. Enquanto que uns abandonam os seus lares para virem até ao Brazil á procura de melhor situação, milhares de portuguêses dariam a vida para regressarem á patria que voluntariamente abandonaram na dôce e quimérica ilusão de que não ha terra como o Brazil para se ganhar dinheiro.

E senão consulte-se os comandantes dos navios portuguêses que aqui apórtam de quando em vez. Eles confessarão, se quizérem, que não éra um navio que chegava para transportar ao país aquêles que por aqui andam, durante mêses seguidos, sem trabalho, sem pão e até sem terem onde pernoitar.

Não se sabe, aí, nêsse nosso lindo Portugal, que procurar o Brazil, no presente momento, é, como disse ha dias a primeira mentalidade brazileira, sr. Rui Barbosa, é procurar uma **casa roubada!**

No entanto a emigração continúa...

Mas... basta de divagações. Convém, e por todos os titulos ceder o nosso logar á propria imprensa carióca, especialmente á que se julga no direito de censurar os govêrnos portuguêses quando êles procuram debelar um mal que nada tem, por assim dizer, que o justifique—o exodo da Familia Lusitana para o Brazil precisamente numa ocasião melindrosa e precária como a que atualmente está atravessando este país.

Começâmos, pois, por ouvir o que diz o *Correio da Manhã*, jornal que mais tem desprestigiado os nossos estadistas e combatido a nossa Republica:

> «**As consequencias da crise economica financeira que atravessâmos estão a desenhar-se com uma gravidade que inquieta.** Nada menos que alguns milhares de operarios, só das nossas fabricas de tecidos, estão em vesperas de não ter trabalho.
>
> De ha muito que a redução do serviço se vinha registrando, ora pelo funcionamento das fabricas em tres e quatro dias, apenas, na semana, ora pela redução das horas de trabalho, que de doze passaram a oito e a seis!
>
> As dificuldades na colocação dos productos obrigaram os directores dêssas companhias a semelhantes providencias. Agravada a situação, vão ser postos em pratica novos meios de restricção do capital sendo cérto que com isso **só sofrerão os operarios.**»

No entanto a emigração continúa...

Nada mais claro, mais positivo, do que esta confirmação vinda dum jornal que vive para atacar o nosso país, fazendo de tal campanha a fonte das suas maiores receitas, diz, e muito bem, o *Portugal Moderno*.

Na verdade, quando um jornal brazileiro confessa, pela fórma a mais positiva, que **as consequencias da crise economica-financeira que atravessâmos estão a desenhar-se com uma gravidade que inquieta,** o que havemos nós outros, portuguêses, de dizer, visto que sômos os que mais sofrêmos com esta *crise que inquieta?*

Diz ainda o mesmo jornal:

> «**Estes ferozes tempos de crise,** que atravessâmos, estão naturalmente a indicar aos governantes que, se nada pódem êles fazer pelas classes trabalhadoras, pelo menos devem concorrer para a agravação do verdadeiro estado de penuria, em que élas se encontram. Infelizmente, assim não acontece.»

No entanto a emigração continúa...

Mas... fale a imprensa brazileira. Ela propria se encarrega de justificar a nossa campanha. E' dada a palavra à *Gazeta de Noticias*. Este diário é tambem um dos que não *morre de amores* pelas actuais instituições portuguêsas. Combate-as com a mesma ferocidade com que se atira ao nosso actual govêrno por ter aconselhahado aos governadores de districto que fizéssem saber ao povo que o Brazil atravéssa nêste momento uma crise de trabalho, e isso no fito unico de evitar que o emigrante chegue aqui e se veja forçado pela força das circunstancias, a regressar á patria, se tivér meios, ou a ficar por estas plagas como judeu errante, sem trabalho, sem pão, e as mais das vezes sem amigos.

Diz a *Gazêta*:

> «Não contestâmos que a situação do Brazil, nêste momento, seja maravilhosamente sedutora, dada a crise economica e financeira em que se acha. *Mas isso pouca importancia tem para o caso que nos ocupa.*»

Este final não deixa, realmente, de ter a sua graça.

Para a *Gazêta* não é caso de muita monta debelar a crise que o Brazil atravessa. **Venham braços!**—grita éla. Ha crise de trabalho? O comercio definha? E' o mesmo. *Isso pouca importancia tem para o caso.* De resto quem sofre as consequencias são os emigrantes que vêm para cá em massa, de olhos vendados atrás de vagas e enganadoras promêssas...

No entanto a emigração continúa...

Continúa e continuará, se os nossos govêrnos não se opozerem a isso, e se a nossa imprensa não gritar em alta voz, para que o povo escute:

> «**Centenas de operarios atirados á miseria—Das obras da Ilha das Cobras foram despedidos hoje, por falta de dinheiro, perto de 600 homens!**»

Não sômos nós, portuguêses, que levantamos este inquietador brado: é o jornal carióca, *A Noite*, do dia 2 de Janeiro.

Duvidam? Pois é ainda o mesmo jornal que, no dia seguinte, a 3, diz em gróssos caratéres:

> «**Cêrca de trinta mil operarios ameaçados de falta de trabalho—As fabricas de tecidos reduzem o trabalho e talvez fechem.**»

Tambem duvidam? Talvez. Mas é ainda *A Noite* que, a 6, brada désta fórma assustadora:

> «**Ameaça de uma grave crise de trabalho.—45 mil pessoas arriscadas á miseria.—O sr. Cunha Vasco julga a situação muito grave**»

Mas basta, basta!

A' vista disto, achâmos nada mais ser preciso para provar que o Brazil, atualmente, nada póde oferecer ao emigrante. Desde que a crise atinje todas as classes e desde que a atual situação politica brazileira é devéras gràve, o que se tem a fazer é obstar, por todos os meios, a que o exodo continue.

Não queirâmos, com o nosso silencio, contribuir para que se agrave a situação angustiosa em que milhares de patricios nossos aqui se encontram.

O nosso dever, como o do govêrno e de toda a imprensa portuguêsa, é combater a emigração. Tudo o justifica porque *o Brazil atravessa uma crise economica muito gràve. Asseveram-no os podêres publicos constituidos, desde o govêrno ao Congresso. Não falando na crise moral e politica, que não nos importa julgar, mas olhando ás condições de desequilibrio financeiro, qualquer medida tendente a sofrear uma emigração fortuita e excessiva, crêmos que deve ser mesmo um dos pontos da resolução do problema.*

Oh! quantos castélos por terra! quantas desilusões perdidas!

No entanto, a emigração continúa...

Porquê?

Para quê?

Rio de Janeiro.

J. Fernandes Tavares

Manifestação funebre

Os republicanos da visinha freguezia das Aradas, que compreende os logares de Quinta do Picado, Arada e Verdemilho, promovem depois de ámanhã, domingo, um cortejo civico ao cemiterio onde se encontram sepultados os restos mortaes do saudoso fundador do *Centro Republicano de Arada*, Joaquim Rei Neto, cujo passamento faz ámanhã um ano que se deu a todos enchendo duma grande magua, da mais profunda tristêsa. E' que Joaquim Rei Neto possuidor duma alma cheia de bondade, dum coração que o tornava querido entre os mais queridos cidadãos da sua terra, tinha a rodeal-o amigos que nunca souběram ser desprimorosos, correligionarios politicos que jámais se esquecerão da bôa camaradagem mantida com um companheiro a todos os respeitos digno de ser lembrado pelos seus serviços ao ideal a que vinha dando o melhor do seu tempo e do seu esforço.

De aí a homenagem do dia 8 a que não podemos deixar de nos associar por a considerarmos de toda a justiça e com funda razão de ser.

CONVITE

O Centro Republicano de Arada *tem a honra de convidar todos os amigos e correligionarios do saudoso Joaquim Rei Neto, a comparecerem na séde do mesmo pelas 16 horas do dia 8 do corrente afim de se encorporarem no cortejo de homenagem á sua memoria, tão oportuna quanto merecida.*

Aveiro—Aradas, 2 de Fevereiro de 1914.

Acionistas do teatro

Reuniram no domingo em assembleia geral para o que haviam sido convidados, não se tendo dado, como se esperava, qualquer incidente desagradavel.

Por unanimidade ficou lançado na acta um voto de louvor á Direcção pelo zelo com que tem administrado aquela casa de espectaculos, unica desta cidade, e que por isso bem merece ser conservada e tratada como um edificio indispensavel.

Foi muito significativa a manifestação da assembleia aos directores que depunham o seu mandato.

Namorados em fuga

Desde a semana passada que é desconhecido o paradeiro de duas pessoas: que entre nós residiam ha cêrca de tres anos, facto que tem alarmado não só a opinião pública como mais vivamente as pessoas que de perto privavam com os protogonistas da misteriosa aventura.

Na passada sexta-feira o correio fez entrega duma carta á dona da pensão onde estava hospedada a menina Olimpia Ferreira Sergio, de 17 anos, terceiranista do liceu, na qual era afirmado que—*atendendo aos profundos desgostos de que vinha ha muito sendo vitima resolvera pôr termo á vida,* designio em que era acompanhada pela causa de todos esses males—o sr. Eurico Meireles, que era aqui o guarda livros da firma Jeronimo Pereira Campos & Filhos.

Acrescentava mais a lugubre declaração que *os cadaveres deveriam ser encontrados nas imediações da cidade.*

A receção da carta coincidia, de facto, com a ausencia da menina e calcule-se o efeito désta terrivel comunicação.

Dado conhecimento á familia de Olimpia, para Vagos, donde é natural, e á autoridade competente, efectuaram-se logo várias pesquizas, que se teem prolungado, mas o que é verdade é que até á hora que escrevemos não ha o mais leve vestigio ou informação do logar onde estejam, vivos ou mortos, os signatarios da pavorosa missiva a que acima aludimos. Todavia, as assinaturas são do proprio punho dos alucinados que tão irreflétidamente pozéram em pratica o inicio da sua resolução, que fazemos votos, não tenha sido consumada em todo o seu conjunto.

Catalogo

Recebemos um, descritivo das plantas, colmeias e outros artigos expostos á venda na *Companhia Horticolo-Agricula Portuense*, sucessora do antigo estabelecimento Marques Loureiro, do Porto, casa das mais acreditadas no país pela seriedade das suas transações e qualidade dos produtos lançados no mercado.

E' correspondente ao ano de 1914 e tem o n.º 50.

Muito agradecidos.

Artigo

E' do nosso coléga portuense, *A Tarde*, o artigo que hoje publicâmos em fundo e que, como lição de historia, se torna digno de ser conhecido tambem dos nossos leitores.

ESTÁ-SE A VÊR...

«A *União Republicana* mantém o seu proposito de não ter participação no poder, **mas egualmente mantém o seu proposito de não se ligar a quem quer que seja para fazer oposição.** Apoio incondicional ninguem se atreveria a pedir-lho, nem ela poderia dal-o; **mas a nenhum govêrno faria oposição sistematica,** mesmo que as condições da nossa vida politica fossem outras.

....

Por cérto temos que a atitude dos evolucionistas, formado um govêrno democratico, seria de franca e implacavel oposição, e por egualmente cérto temos que outra não seria a atitude dos democraticos perante um gabinete evolucionista. **Os unionistas não acompanhariam uns nem outros, avessos á politica do «bota abaixo», convencidos de que a instabilidade ministerial, nas especialissimas condições da nossa vida publica, tem gràves inconvenientes.**»

(Artigo do sr. Brito Camacho, publicado em 1 de janeiro de 1913, quando estava demissionario o ministério Duarte Leite.)

«Estâmos em férias parlamentares, e a menos de um mez das eleições, o que o govêrno precisa saber não é se tem a confiança da *União Republicana*, mas se tem ou não a confiança do País. Em qualquer outro momento a campanha que aí se tem movido contra o govêrno poderia embaraçál-o de tal modo que o obrigasse a caír. Mas agora, em pleno periodo eleitoral, o caso muda de figura. Intimado a deixar o poder, porque o desprestigia e compromete a Republica, o govêrno não faz caso da intimação e explica para o país que a oposição nada mais pretende do que evitar que ele faça as eleições, tirando delas uma maioria que lhe assegure a independencia e lhe garanta a vida. Se o país lhe aceita a explicação, o partido evolucionista póde enrouquecer nos comicios que o govêrno manter-se-ha no seu posto, afrontando toda a tempestade de palavras que em volta dele se desencadeie. Mas se o país lhe não aceita a explicação, por muito que o govêrno se agarre ao poder hade ser obrigado a largal-o, debil como é perante força tamanha. Isto o que quer dizer? Salvo o erro em que possâmos estar, isto quer dizer que o árbitro da situação politica, na hora angustiada que vae correndo, não é a *União Republicana*, como disse o sr. Antonio José de Almeida, e tambem não é o partido democratico, como acima dissémos, por mera dedução logica. O arbitro da situação—é o país. **O que é necessário é que ele se pronuncie,** não por uma fórma equivoca, em termos que a sua manifestação tenha alguma coisa de vago e sibilino, cada qual interpretando-a em seu favor, **mas de uma fórma categorica, sem possiveis duvidas ou sofismas.** Será necessário dizer que ámanhã chamada a *União Republicana* a governar, não governaria inteiramente á maneira do sr. Afonso Costa? Mas **emquanto não governa, dispensar-se-ha de fazer oposição como a do sr. Antonio José de Almeida,** que de resto a faz inspirado no seu grande amor pela Republica, numa febre de patriotismo de cuja absoluta honestidade nem os seus mais implacaveis adversários duvidam.»

(Artigo do sr. Brito Camacho, publicado a 14 de outubro de 1913 quando o sr. dr. Antonio José de Almeida lhe chamou *o arbitro da situação.)*

Isto lê-se, e quem andar bem ao par do que tem dito e feito o sr. Camacho depois que retirou o apoio ao govêrno, não acredita que o chefe unionista fosse capaz de em tão curto praso se contradizer com tão pouco pejo como o vem fazendo desde essa data s. ex.ª.

Já é deslavamento!...

Principio de incendio

Na segunda-feira, perto das 17 horas, déram as torres sinal de alarme chamando os socorros públicos para um prédio da rua Miguel Bombarda onde se havia manifestado fogo e que devido á rapida intervenção de algumas pessoas logo foi extinto e salva uma mulhersinha, já velha, que habitava o rés do chão onde a foram encontrar quasi asfixiada pelo fumo.

Na ocasião em que se deu pelo incendio passava um enterro na rua, a caminho do cemiterio, acudindo os que nele se encorporavam, todos, para o que abandonaram o feretro até ao momento em que lhes foi dispensado o seu auxilio.

Tambem compareceram no local do sinistro as duas corporações de bombeiros voluntários, com o respectivo material, sendo a primeira a chegar a antiga companhia e logo a seguir os seus colégas de salvação Guilherme Gomes Fernandes.

Nenhuma chegou a trabalhar, retirando logo depois da sua comparencia.

Eclipses do sol

Anunciam os sabios, que leem nos astros, dois eclipses do sol, este ano, um de 24 para 25 do mez que decorre, outro para agosto, a 21.

O primeiro começará ás 21 horas e 45 minutos devendo terminar ás 2 e 45 do dia seguinte, não podendo, por isso, ser visivel em Portugal. Sel-o-á, porém, em alguns pontos da Europa, na Africa, na America, no Oceano Atlantico, numa grande parte do Oceano Pacifico, na quasi totalidade do Atlantico e numa parte dos Oceanos polares.

O eclipse do dia 21 de Agosto será total e começará ás 10 horas, 12 minutos e 2 segundos para terminar ás 14 horas, 50 minutos e 8 segundos. Será visivel em toda a Europa, numa parte da Asia, na Africa, na America do Norte, em quasi todo o Oceano Artico e numa parte dos Oceanos Atlantico e Indico.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Notas mundanas

Passou no dia 4 de Janeiro o aniversário natalicio do nosso bom amigo, sr. J. J. Nunes da Silva, ausente no Pará, onde muito tem auxiliado este jornal.

Enviamos-lhe um afectuoso abraço.

= *Esteve nesta cidade o sr. Joaquim Simões dos Reis, de Eirol.*

= *Tambem aqui veio no domingo o sr. Artur Sergio, socio duma importante fabrica de sabão em Vila Nova de Gaia.*

= *De regresso de Lisboa, onde concluiu o seu curso medico com distincção, tem estado em Aveiro de visita, o sr. dr. Francisco Soares, sobrinho do sr. Joaquim Soares, antigo empregado do Banco de Portugal.*

PELA IMPRENSA

Aos nossos colégas *O Poiarense*, de Poiares, *Ecos do Vouga*, de S. Pedro do Sul e *A Humanidade*, de Coimbra, cujos aniversários acabam de passar, aqui deixâmos expressas as saudações a que de nós teem direito, pois não só temos mantido com êles uma intima camaradagem como ainda lhes sômos devedores de referencias que, nem por as acharmos imerecidas, pódem facilmente ser olvidadas.

Recebam, pois, os presados confrades, da parte dêste jornal, sincéros parabens.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

FEVEREIRO

DIAS	PHARMACIAS
8	ALLA
15	BRITO
22	REIS

Os menores perante as leis

Acaba de ser exposta á venda esta brochura da lavra do sr. Edmundo Gorjão, advogado, que se compõe do seguinte sumario:

Nacionalidade dos menores—Domicilio—Incapacidade e seu suprimento—Perfilhação—Investigação da paternidade ou maternidade ilegitima—Poder paternal na constancia do matrimonio—Poder paternal dissolvido o matrimonio—Poder maternal em relação aos filhos ilegitimos—Suspensão e do termo do poder paternal—Alimentos—Tutela dos filhos legitimos—Tutela testamentaria—Tutela legitima — Tutela dativa—Pró-tutores—Formação do conselho de familia—Curadores dos orfãos—Atribuições do conselho de familia—Escusas da tutela—Pessoas que não pódem ser tutores, pró-tutores nem vogais do conselho de familia—Dos que pódem ser removidos da tutela—Exclusão ou remoção do tutor—Direitos e obrigações dos tutores—Contas da tutela—Direitos e obrigações do pró-tutor—Arrendamento e da venda dos bens dos menores—Tutela dos filhos perfilhados, espurios, filhos abandonados e filhos de pessoas miseraveis—Rescisão dos actos praticados pelos menores—Registo das tutelas—Emancipação—Incapacidade por demencia—Prescrições — Contratos — Ipotecas legais—Cancelamento das ipotecas—Casamen-

to dos menores—Doacções entre esposados—Separação — Aprendizagem—Direito de testar—Inventarios—Registo do nascimento e outros—Codigo do Procésso Civil.

Apendice:—Os menores perante as leis da Republica—Casamento civil de menores—Filhos legitimos e ilegitimos—Investigação da paternidade ou maternidade ilegitima—Sucessão dos filhos ilegitimos—Menores nos casos de divorcio—Menores delinquentes ou em perigo moral—Menores sob a tutoria oficial—Menores perante as leis comerciais—Direitos de sucessão, segundo a legislação da Republica—Menores perante o Codigo do Registo Civil—Casamento—Procésso de dispensa do impedimento por parentesco—Dispensa de editaes a praso—Reconhecimentos e legitimações, etc.

Encontra-se á venda na *Tipografia Gonçalves*, 12, rua do Mundo, 14—Lisboa, ou então nas livrarias depositárias de todas as obras editadas por esta acreditada casa.

Agradecemos o exemplar oferecido.

Serviço de cobrança

Aos nossos presados assinantes de **S. João da Madeira, Cezár, S. Roque e Nogueira do Cravo** a quem ultimamente enviámos á cobrança pelo correio os recibos vencidos ou prestes a vencerem-se, de *O Democrata*, e que viéram devolvidos, rogâmos a especial finêsa de o mais bréve possivel os mandarem satisfazer nésta redacção pelo que lhes ficâmos muito reconhecidos.

CORRESPONDENCIAS

Pará, 17 de Janeiro

Realisou-se no dia 15 do corrente a eleição dos corpos gerentes da *Liga Portuguêsa de Repatriação* que tem por fim administrar a mesma durante o ano corrente.

Ficaram assim compostos:

Assembleia Geral

Presidente, José de Rezende Rego; *1.º secretário*, Antonio José Cerqueira Dantas; *2.º secretário*, Alvaro Fernandes Lisboa.

Directoría

Presidente, José Albino de Azevedo Maia; *vice-presidente*, Afonso Teixeira da Silva Guimarães; *1.º secretário*, Alfredo Pereira; *2.º secretário*, Americo Nicolau Soares da Costa; *tesoureiro*, Amandio Pinto da Silva.

Suplentes, Adelino da Silva Gil, Albino Janes Garcia Fialho, Aloizio Guilherme de Menezes Costa, Augusto Alves Teixeira e José Rufino.

Conselho Fiscal

Francisco Pinto da Silva Junior, Inacio Pereira Godinho, Norberto de Matos Almeida.

Suplentes, Francisco Bento Pinto, José Martins da Silva Lopes, Manuel Valente Portovedro Junior.

A' excéção dos membros da Directoría, todos os outros foram reeleitos, tendo tomado posse acto continuo á eleição.

=Depois que chegou aqui o célebre conspirador Cosme do Carmo Cardoso, que andou nas hostes couceiristas, a colonia portuguêsa, que se achava já na mais perfeita harmonia, está-se desorganisando duma fórma que não é facil explicar, pois além de terem aparecido publicados na *Folha do Norte* uma série de artigos atacando o sr. Afonso Costa e os carbonarios, assinados por *tres realistas portuguezes*, tambem tem aparecido outros no *Imparcial*, defendendo a Republica Portuguêsa e os seus homens de destaque.

Mas não é só isto ainda o que está fazendo esse individuo que de português só tem o nome; ha mais: levou a desarmonia ao seio da *Benificente Portuguêsa*, pois o corpo medico daquêle hospital já protestou contra a entrada ali dêsse homem nefasto e até nos parece, segundo ouvimos, que a propria Directoría resolveu proíbir-lhe a entrada no hospital, o que desgostou cérto numero de socios que, instigados por êle, requereram uma assembleia geral em que o caso vai ser discutido.

O mais engraçado é que no meio de tudo isto, encontram-se alguns republicanos portugnezes que defendem o tal cavalheiro que já fez correr rios de sangue a quando da conspiração em Portugal.

E' isto o que mais lastimâmos.

Como devemos classificar esses republicanos que defendem um inimigo de nossa Patria? Será justa tal defêsa? Não nos parece.

=Enquanto á crise devemos dizer que esta cada vez mais se acentúa, pois o elemento mais importante que a podia fazer desaparecer, que é a borracha, essa tem regulado pouco mais ou menos a 3$000 reis o kilo e com tal preço os extratores dêste produto não pódem regressar do Acre por não terem saldo a haver.

Por outro lado o govêrno tambem não tem pago aos seus empregados para estes satisfazerem os seus créditos nas mercearias as quais tem deixado de lhes fornecer comestiveis e outros generos de primeira necessidade.

Familias ha que querem regressar a Portugal e não o pódem fazer por falta de meios. C.

Alquerubim, 2

Não é minha a correspondencia publicada no *Democrata* ultimo, assinada por A. D.

= Parte ámanhã para o Porto de visita a sua familia, o sr. Manuel Maria Amador, por seu genro o sr. David José de Pinho fazer anos na proxima quinta-feira.

= Espera-se com anciedade a formação do novo ministério. Os jornaes de Lisboa são disputados á chegada do comboio do Vale do Vouga. E' que todos querem vêr se já ha novo govêrno!

Veremos se lá vae um que faça o que o sr. dr. Afonso Costa tem feito emquanto a finanças. C.

Ultima hora

A situação politica

Lisboa, 5

Com a chegada do nosso embaixador do Brazil, ontem, a bordo do *Avon*, póde-se dizer que o aspecto da crise se modificou inteiramente.

O sr. dr. Bernardino Machado, ainda no paquete, recebeu convite para ir ao Paço de Belem conferenciar com o sr. Presidente da Republica o que se apressou a fazer ontem mesmo pela tarde demorando-se a entrevista com o chefe de Estado cêrca de duas horas.

O sr. Bernardino Machado retirou de Belem com a incumbencia de formar ministério o que se soube pelas *démarches* que logo iniciou junto de alguns vultos republicanos como Afonso Costa, Guerra Junqueiro, Augusto de Vasconcélos, etc.

Hoje tem continuado o sr. Bernardino Machado nos mesmos trabalhos pelo que já conferenciou largamente com os srs. Antonio José de Almeida e Brito Camacho apezar de com estes dois chefes politicos trazer as suas relações interrompidas.

Emfim, a novidade mais fresca que lhes posso dár é que teremos em bréve novo ministerio e que este só fará politica patriotica e de pacificação . . . se porventura se chegar a formar sob a presidencia de Bernardino Machado, o que muitos ainda duvidam.

O sr. dr. Afonso Costa não desmerecerá facilmente da confiança do país que continúa a manifestar-lhe a sua adesão e simpatía e isso estou por cérto que hade influir bastante para a formação do futuro gabinête.

Pelo menos tenho essa impressão assim como tenho a impressão de que nenhum ministério terá probabilidades de se constituir sem o auxilio poderoso da maioria do Congresso que, como se sabe, pertence ao govêrno demissionario.

Para finalisar dou-lhes mais a agradavel noticia de que o sr. dr. Afonso Costa mandou, hoje, efectuar o pagamento de 1.700 contos ao Banco de Portugal, por conta de suprimentos anteriores á sua gerencia respondendo assim, o ilustre ministro das finanças, aos que pretendem deprimil-o, numa alucinação de doidos que não honra nem os autores da ignobil campanha nem a Republica que eles dizem servir.

Aguardemos o futuro...